

Multilingual
issue



A PUBLISHING SCOOP OF THEOLOGICAL JOURNALS!

¡PRIMERA REVISTA TEOLÓGICA EN PRESENTAR EL TEMA!

THE NEW BIBLICAL ARCHAEOLOGICAL PARADIGM **EL NUEVO PARADIGMA ARQUEOLÓGICO BÍBLICO**

**BY: CARDOSO, FINKELSTEIN, FRIZZO, FUNARI, IZIDORO,
KAEFER, MENDONÇA, SCHIAVO, VIGIL, VILLAMAYOR.**

ISSUE EDITED BY EATWOT'S INTERNATIONAL THEOLOGICAL COMMISSION

VOLUME XXXVIII 2015/3-4

NEW SERIES

JULY-DECEMBER 2015

**THE NEW
BIBLICAL ARCHAEOLOGICAL PARADIGM**

EL NUEVO PARADIGMA ARQUEOLÓGICO BÍBLICO

VOICES

RELEASE 1.01

<http://eatwot.net/VOICES>

Our cover:

Canaanite temple of worship area of the excavations in the ruins of Megiddo, declared in 2005 by UNESCO World Heritage. Located 90 km north of Jerusalem and 30 southeast of Haifa, it was an important city, whose name appears in Egyptian hieroglyphics and cuneiform writings in the Amarna Letters (XIV century BC). The stratigraphic archeology distinguishes in the ruins 26 layers of ancient settlements along different periods.

Picture courtesy of Silas Kein Cardoso

Templo cananeo en la zona de culto de las excavaciones en las ruinas de Megiddo, declaradas en 2005 por la UNESCO patrimonio de la humanidad. Situada a 90 km al norte de Jerusalén y 30 al sudeste de Haifa, fue una ciudad importante, cuyo nombre aparece en jeroglíficos egipcios y en escritura cuneiforme ya en las Cartas de El Amarna (siglo XIV a.C.). La arqueología estratigráfica distingue en sus ruinas 26 estratos de antiguos asentamientos de diferentes períodos.

Fotografía gentileza de Silas Klein Cardoso.

Advertisements' pages

- *Along The Many Paths*, EATWOT, page 24, English
- Audios sobre la *Laudato Sii*, p. 38, Spanish
- Biblical Liturgical Calendar, p. 52, English
- CAMINHANDO, Journal of UMESP, p. 66, Portuguese
- HORIZONTE, Journal on Pos-religional Paradigm, p. 88, Portuguese
- WFTL, Montreal, Canadá, August 2016, p. 98, English
- *O Reino Esquecido*, Israel FINKELSTEIN, p. 184, Portuguese
- *What is not sacred? African Spirituality*, Laurenti MAGESA, p. 200, English
- *2016 World Latin American Agenda*, p. 225, English
- *Along the Many Paths of God*, Series, EATWOT's ITC, p. 226, English
- Bibliografía en línea sobre Nuevos Paradigmas, p. 283, Spanish
- *Getting the Poor Down from the Cross*, EATWOT, p. 284, English
- *Escritos sobre pluralismo*, J.M. VIGIL, p. 298, Spanish
- *Aunque no haya un dios ahí arriba*, Roger LENAERS, p. 320, Spanish
- *Por qué el cristianismo tiene que cambiar o morir*, John S. SPONG, p. 321, Spanish
- *The Genesis of an Asian Theology of Liberation*, Aloys PIERIS, p. 322, English
- *Vida Eterna, una Nueva Visión*, John S. SPONG, p. 323, Spanish
- *Teología Cuántica*, Diarmuid O'MURCHU, p. 324, Spanish
- Our next issue of VOICES, p. 325, English

**THE NEW
BIBLICAL ARCHAEOLOGICAL PARADIGM**

EL NUEVO PARADIGMA ARQUEOLÓGICO BÍBLICO

VOICES

<http://eatwot.net/VOICES>

**ECUMENICAL ASSOCIATION OF THIRD WORLD THEOLOGIANS
ASOCIACION ECUMENICA DE TEOLOGOS/AS DEL TERCER MUNDO
ASSOCIATION OECUMENIQUE DES THEOLOGIENS DU TIERS MONDE**

VOICES

**Theological Journal of EATWOT,
Ecumenical Association of Third World Theologians**

**New Series, Volume XXXVIII,
Number 2015-3&4, July-December 2015
«The New Biblical Archaeological Paradigm».
Issue edited by EATWOT's International Theological Commission,**

**Free Digital Printable Bilingual Edition
Release 1.1 Original 1.0 of December 1, 2015
ISSN: 2222-0763**

EATWOT's Editorial Team: Gerald Boodoo (USA), Ezequiel Silva (Argentina), Arche Ligo (Philippines), Adam K. arap Checkwony (Kenya), Kemdirim Protus (Nigeria), Intan Darmawati (Indonesia), Michel Andraos (USA) and José María Vigil (Panama).

VOICES' General Editor: José María Vigil
Cover and lay out: Lorenzo Barria and Jose M. Vigil

If you want to print this whole Journal on paper for a local edition, please, contact the **International Theological Commission**, at its web, <http://InternationalTheologicalCommission.org> asking for full resolution printable originals.

All the articles of this issue can be reproduced freely, since given the credit to the source.

You can download VOICES freely, at:
<http://eatwot.net/VOICES>

E A T W O T
ECUMENICAL ASSOCIATION OF THIRD WORLD THEOLOGIANS
ASOCIACIÓN ECUMÉNICA DE TEÓLOGOS/AS DEL TERCER MUNDO
A S E T T

EATWOT's web addresses:

All EATWOT's addresses: ***eatwot.net***
Institutional address: ***eatwot-TW.org***

Journal: ***eatwot.net/VOICES***
Commissions: ***InternationalTheologicalCommission.org***
www.Comision.Teologica.Latinoamericana.org
www.Comissao.Teologica.Latinoamericana.org

www.tiempoaxial.org/AlongTheManyPaths
www.tiempoaxial.org/PorLosMuchosCaminos
www.tiempoaxial.org/PelosMuitosCaminhos
www.tiempoaxial.org/PerIMultiCammini

CONTENTS - CONTENIDO

Presentation / [Presentación](#).....9

DOSSIER

*From 'The Bible as History' To 'The Bible Unearthed'
Archaeology at the service of Faith and Science*.....15

Pedro Paulo FUNARI, Campinas SP, Brazil.

O Novo Pradigma Arqueológico e os Estudos Bíblicos.....25

Élcio Valmiro Sales de MENDONÇA, São Paulo SP, Brasil

A Bíblia como fonte histórica.....39

La Biblia como fuente histórica.....53

Ademar KAEFER, São Paulo SP, Brasil

Plurality & Cultic Boundaries. Creative religiosity & cult in Beth Shean..67

Pluralidade e fronteiras cúlticas. Religiosidade criativa e culto em Betsã..81

Silas Klein CARDOSO, São Paulo SP, Brasil

Entrevista com Israel Finkelstein.....99

Antonio Carlos FRIZZO, Guarulhos SP, Brasil

Israel In The Persian Period And The Wall of Nehemiah.....105

Israel FINKELSTEIN, Tel Aviv, Israel



The Exodus as a Tradition from Northern Israel under the leadership of «Él» and «Yahwéh» in the form of a young bull.....123

El éxodo como tradición de Israel Norte

bajo la conducción de El y Yavé como un becerro.....143

Ademar KAEFER, São Paulo, Brasil / Tel Aviv, Israel

Language, e narrativas sagradas

e as novas abordagens epistemológicas para as identidades religiosas...165

José Luiz IZIDORO, Juiz de Fora, Brasil

¿Reconstrucción, interpretación o invención?

El desafío del pasado en la historia.....185

Reconstruction, interpretation or invention?

The challenge of the Past in the Bible's History.....

Luigi SCHIAVO, San José de Costa Rica

El nuevo paradigma arqueológico-bíblico.....201

The New Biblical Archaeological Paradigm.....227

José María VIGIL, Panamá, Panamá.

There is No Reason in the Bible, There's Soul.....247

La Biblia no tiene razón, tiene alma.....265

Santiago VILLAMAYOR, Zaragoza, Spain

Para un tratamiento pedagógico-pastoral

del nuevo paradigma arqueológico-bíblico.....285

José Lopes SILVA, Manaus, Brasil

BIBLIOGRAPHICAL REVIEWS and other materials

FINDELSTEIN, «The Forgotten Kingdom», by Élcio V.S. MENDONÇA.....301

Excerpt from William G. DENVER.....306

Excerpt from Thomas SHEEHAN.....308





Pluralidade e fronteiras cúlticas

Religiosidade criativa e o culto em Betsã.

Silas KLEIN CARDOSO¹

São Paulo, Brazil

Resumo

O ensaio apresenta o novo paradigma da história da religião israelita, advindo das novas descobertas arqueológicas. É percebida a característica plural e sincrética do antigo culto israelita, que teve como padrão o acolhimento e integração de diferentes imaginários, que independiam do poderio político e econômico para ganhar aceitação. Para apresentar tais propostas é realizado um estudo de caso sobre o sítio arqueológico de Tel Betsã (Tell el-Husn), cujos achados são interpretados iconograficamente.

Palavras-chave: Betsã; Arqueologia; Hermenêutica; Cultura Visual Religiosa; Pluralismo Diacrônico.

Introdução

Até poucas décadas atrás, a religiosidade israelita era caracterizada como “alienígena”. A descrição do culto hebreu, inclusive da literatura acadêmica crítica, assemelhava-se a um tratado paulino, defendia-se: um só Deus, um só culto, um só povo escolhido, uma só expressão/prática religiosa etc. Mesmo aqueles que se aventuravam contra o *mainstream*, não deixavam de lado seu linguajar preconceituoso, rotulando práticas consideradas heterodoxas como religiosidades ‘populares’ e, por conseguinte, ‘imorais’, ‘idolátricas’ e ‘impuras’. A própria distinção entre ‘popular’ e ‘oficial’ era marcada por um preconceito quase deuteronomista contra práticas não autorizadas². Caso não fossem consideradas populares, a heterodoxia era rotulada ‘cananita’ e assim sucessivamente. Apenas as

¹ Mestre e Doutorando em Ciências da Religião (UMESP). E-mail: silasklein@gmail.com

² Para uma visão crítica do assunto: STAVRAKOPOULOU, Francesca. “Popular’ Religion and ‘Oficial’ Religion: Practice, Perception, Portrayal”. In: STAVRAKOPOULOU, Francesca; BARTON, John. *Religious Diversity in Ancient Israel and Judah*. London: Bloomsbury T&T Clark, 2013, p. 37-58

práticas monolátricas gozavam aceitação, essas que ressaltavam a superioridade moral israelita sobre seus vizinhos.

Tudo isso mudou nos últimos anos. Primeiro, porque a história bíblica de Israel teve conceitos basilares — Êxodo, caminhada do deserto, conquista, período dos juízes, monarquia unida etc — perdidos ou reinventados³. Segundo, porque as concepções da religião do Antigo Israel se transformaram. Um evento que parece ter abalado as estruturas do que conhecíamos foi a descoberta de alguns vestígios em Kuntillet Ajrud, um sítio que teria sobrevivido durante curto período, entre 795 e 730/720 a.C.. Duas referências falam, respectivamente, de YHWH de Samaria e sua Asherá e YHWH de Temã e sua Asherá⁴. A presença da consorte divina e a representação imagética do casal suscitou novas perguntas, cujas respostas romperam com ideias antes consensuais, como: a ideia de um monoteísmo bíblico primitivo⁵; a ideia um culto sem imagens representando deuses/as⁶; a ideia da divisão entre as práticas religiosas cananitas e israelitas⁷; a ideia da centralização do culto como conceito divino⁸, etc.

Todas essas modificações nos impedem de falar hoje em um culto israelita monolítico e/ou ortodoxo⁹. Assim, urge pensar o impacto e

³ Cf. p. ex. LIVERANI, Mario. *Para além da Bíblia: História antiga de Israel*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2008; SCHMID, *História da Literatura*, p. 75s

⁴ Cf., p.ex., CROATTO, José Severino. “La Diosa Asherá en el antiguo Israel, El aporte epigráfico de la arqueología”. In: RIBLA 38. Disponível em: <www.claiweb.org/ribla/ribla38/la%20diosha%20ashera.html>. Acesso em: 15/03/2015.

⁵ Cf. SMITH, Mark S. *O memorial de Deus: História, memória ' a experiência do divino no Antigo Israel*. São Paulo: Paulus, 2006; SMITH, Mark S. *The Early History of God: Yahweh and Other Deities in Ancient Israel*. 2ed. Michigan: Eerdmans/Dove, 2002; REIMER, Haroldo. *Inefável e sem forma: estudos sobre o monoteísmo hebraico*. São Leopoldo, Goiânia: Oikos, UCG, 2009, p 40-52

⁶ TOORN, Karel Van Der. *The Image and the book: Iconic Cults, Aniconism, and the Rise of Book Religion in Israel and the Ancient Near East*. Leuven: Peeters, 1997

⁷ Cf. NIEHR, H. “‘Israelite’ Religion and ‘Canaanite’ Religion”. In: STAVRAKOPOULOU, Francesca; BARTON, John. *Religious Diversity in Ancient Israel and Judah*. London: T&T Clark, 2013, p.23-36

⁸ FRIED, *The High Places (bamot) and the Reforms of Hezekiah and Josiah: An Archaeological Investigation*. JAOS, Vol. 122, n. 3 (Jul/Set 2002), 452; EDELMAN, Diana V. “Cultic Sites and Complexes Beyond Jerusalem Temple”. In: STAVRAKOPOULOU, Francesca; BARTON, John. *Religious Diversity in Ancient Israel and Judah*. London: Bloomsbury T&T Clark, 2013, p. 82-103

⁹ Exemplo de obras que tratam da diversidade do culto israelita: GERSTENBERGER. Erhard. *Teologias no Antigo Testamento: pluralidade e sincretismo da fé em Deus no Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal/EST/CEBI, 2007; STAVRAKOPOULOU, Francesca; BARTON, John. *Religious Diversity in Ancient Israel and Judah*. London: Bloomsbury T&T Clark, 2013. Obra que marca a variedade de culto, sem romper com pressupostos antigos da história israelita: ALBERTZ, Rainer. *Historia de la religión de Israel en Tiempos del Antiguo Testamento*. Madrid: Editorial Trotta, 1999

conexão entre diferentes religiosidades na região do sul do Levante. Este será o propósito de nosso artigo, pensar o desenvolvimento religioso cananeu-israelita de Betsã em relação às ‘nações estrangeiras’. Defendemos que o culto na região se desenvolvia de forma plural e sincrética, combinando diferentes imaginários. Para testar tal perspectiva, analisaremos o histórico ocupacional do sítio arqueológico de Tel Betsã. Por estar em uma fronteira cultural, esse sítio parece demonstrar de forma mais clara vestígios dessa interseção celta. Assim, da análise da cultura material e visual, faremos apontamentos sobre como pode ter funcionado a interação religiosa na região.

Descobrimo Tel Betsã

Reish Lakish, no Talmud Babilônico (*Bavli Erubin*, I.20b), disse que se o portão do Jardim do Éden estivesse na Terra de Israel, ele estaria localizado em Betsã¹⁰. O próprio nome da localidade, traduzido do hebraico, significa *Casa do Silêncio* ou *Casa de Tranquilidade*. As definições não deixam escapar uma das características mais marcantes do sítio: a localização privilegiada. E, se pensarmos nos requisitos mínimos de assentamento (terra, água, defesa, comunicação), não é sem motivos que seja chamado paraíso. Betsã possui: (1) **terra suficiente**, em seus 4ha de área; (2) **abundância de água**, pelo abastecimento dos rios Harod e Asi; (3) **posição defensável**, situando-se numa colina proeminente, inclinando-se em direção ao noroeste e englobando duas ravinas; e (4) **acessibilidade à comunicação**, estando no cruzamento de duas vias importantes, a latitudinal, entre Jezreel e Harod, na direção do Rio Jordão e longitudinal, passando pelo Vale do Jordão, no término da Via Maris, onde se divide para Síria e Transjordânia. Todos esses fatores tornaram-na convidativa desde o Calcolítico (4500-3300 a.C.) e transformaram-na numa das cidades mais populosas da região. Pelo longo histórico de ocupação, Betsã tornou-se espécie de termômetro sócio-político da região, tendo nela refletida variadas mudanças nas terras bíblicas¹¹.

¹⁰ Existem diferentes transliterações do nome do sítio: Betsã, Bet-Seã, Bet Sean, Bet Shan, Beth Shean etc. Em árabe, sua denominação é Tell el-Husn. Optamos e seguiremos a forma da Bíblia de Jerusalém, “Betsã”.

¹¹ Informações tomadas de: MCGOVERN, P. E. “Beth-Shan (Place)” em FREEDMAN, Daniel Noel (org.). *The Anchor Yale Bible Dictionary*, v.1. New York: Doubleday, 1992, p. 693; AHARONI, Yohanan. *The Land of the Bible: a historical geography*. Translation A. F. Rainey. 2ed. Philadelphia: Westminster Press, 1979, p. 53; MAZAR, Amihai. “The excavations at Tel Beth Shean during the years 1989-94”. In: SILBERMAN, Neil Asher; SMALL, David. *The Archaeology of Israel: constructing the past, interpreting the present*. JSOT Supplement Series 237. Sheffield: Sheffield Press, 1997b, p. 144, 147; MAEIR, Aren M.; MULLINS, Robert A. “The Tell El-Yahudiya Ware from Tel Beth-Shean” em ASTON, D.; BEITAK, M. *Tell el-Daba VIII: The Classification and Chronology of Tell el-Yahudiya Ware*. Vienna: Austrian Academy of Sciences, 2011, p.577; KAEFER, José Ademar. *Arqueologia*

Em contraposição à proeminência geográfica, bíblicamente Betsã não é recorrente. A cidade surge, sob essa denominação, apenas em: Js 17.11, 16; Jz 1.27; 1Sm 31.10-12; 2Sm 21.12; 1Cr 7.29; 10.8-12; 1Mac 5.52; 12.40-41. Sob sua denominação posterior, Citópolis, a encontramos em: 2Mac 12.29-31; Jt 3.10. Cabe aqui fazermos breve análise dessas aparições. Em Josué, a cidade surge como uma das que permaneceram sendo de população canaanita, sob a duvidosa hegemonia israelita. No livro dos Juízes há a repetição do fato, que classifica a cidade como uma daquelas do vale não conquistadas por Manassés, cujo teor é repetido no Primeiro Livro das Crônicas. Tais ocorrências enfatizam o antigo povoamento na cidade, onde haveria tido um povo cananeu não submetido ao poderio israelita. Já os livros de Samuel e o Primeiro Livro das Crônicas a colocam em destaque num momento obscuro, quando o corpo do falecido Saul é exposto em suas paredes. Nesse contexto, sua geografia favorecida é evidenciada, quando demonstrada sua posição de destaque político.

Em período posterior, o Primeiro Livro dos Reis a coloca sob a superintendência de Baana, filho de Ailud, um dos doze “prefeitos” (hebr. *nasab*)¹² de Salomão, responsável pelos impostos de Taanac, Meguido e toda Betsã, as cidades que teriam permanecido caananitas, em Juízes e Josué. No Primeiro Livro dos Macabeus, a cidade é percurso de Judas e campo de batalha entre Jônatas e Trifão, que acabou evitando a guerra, temendo a numerosa multidão que acompanhava Jônatas. Sob a denominação grega Citópolis, Betsã aparece no Segundo Livro dos Macabeus, sendo novamente palco de uma guerra que não ocorreu, agora pela boa vizinhança entre citopolitanos e judeus. E, por fim, a cidade aparece no Livro de Judite, como local de descanso aos homens de Holofernes. Essas citações posteriores relembram uma cidade poderosa e estratégica militarmente, mas que não teria sucumbido à guerra.

História das Escavações

Betsã foi uma das cidades mais exploradas dentre as terras de Israel. As escavações começaram logo no começo do século XX, a partir

das Terras da Bíblia. São Paulo: Paulus, 2012, p. 45; AHARONI, Yohanan (et al.). *Atlas Bíblico*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999, p. 17; MAZAR, Amihai. *Arqueologia na terra da Bíblia: 10.000-586 a.C.* São Paulo: Paulinas, 2003, p. 32; MAZAR, Amihai “Tel Beth-Shean: History and Archaeology” em KRATZ, Reinhard G.; SPIECKERMANN, Hermann (ed.). *One God - One Cult - One Nation: Archaeological and Biblical Perspectives*. BZAW 405. Berlin/New York: De Gruyter, 2010, p. 241

¹² Cada um dos doze *nasab* (prefeitos ou superintendentes) de Salomão era responsável por um dos meses do ano (1Rs 4.7). Noth acredita que essa divisão em distritos teria perdurado até depois da morte do rei, visto constar no Óstraco de Samaria, que seria datado do período de Jeroboão III. Cf. NOTH, Martin. *Historia de Israel*. Traducción Juan A. G. Larraya. Barcelona: Garriga, 1966, p. 202

de Clarence S. Fisher que, de 1921-1923, iniciou a escavar o sítio juntamente a um grande cemitério próximo¹³, sob os auspícios da *University Museum of the Pennsylvania Expedition* (UME). Em seguida, pela mesma universidade, Alan Rowe (1925-1928) e Gerald M. FitzGerald (1930-1931, 1933) continuaram os trabalhos, que revelaram dezoito ocupações sucessivas na localização¹⁴, desde o Neolítico até o período Medieval. Este constituiu-se num dos maiores achados arqueológicos antes da Primeira Grande Guerra. Na ocasião, criaram três terraços: o mais alto, do Ferro I; o terraço médio, do décimo quarto século; e o terceiro terraço, do Bronze III.

Entretanto, essa primeira empreitada utilizou uma metodologia antiga e, por esse motivo, novas visitas ao sítio foram organizadas. Em 1983, Shulamit Geva e Yigael Yadin retomaram as escavações durante três semanas, mas foi a partir de 1989 que o sítio passou a ser examinado com maior atenção. Entre 1989 e 1996, a partir dos três terraços já escavados, ao menos sete temporadas de escavações foram conduzidas, cada uma durando ao menos seis semanas, agora conduzidas por Amihai Mazar, sob as vistas do Institute of *Archaeology of the Hebrew University of Jerusalem* (HU) e o *Beth Shean Archaeological Expedition* e patrocinadas pelo Israel Antiquities Authority e o já citado *Beth Shean Tourist Development Authority*. O propósito das novas escavações, segundo o próprio Mazar¹⁵, era de reconstruir a história do sítio e resolver problemas deixados das escavações anteriores.

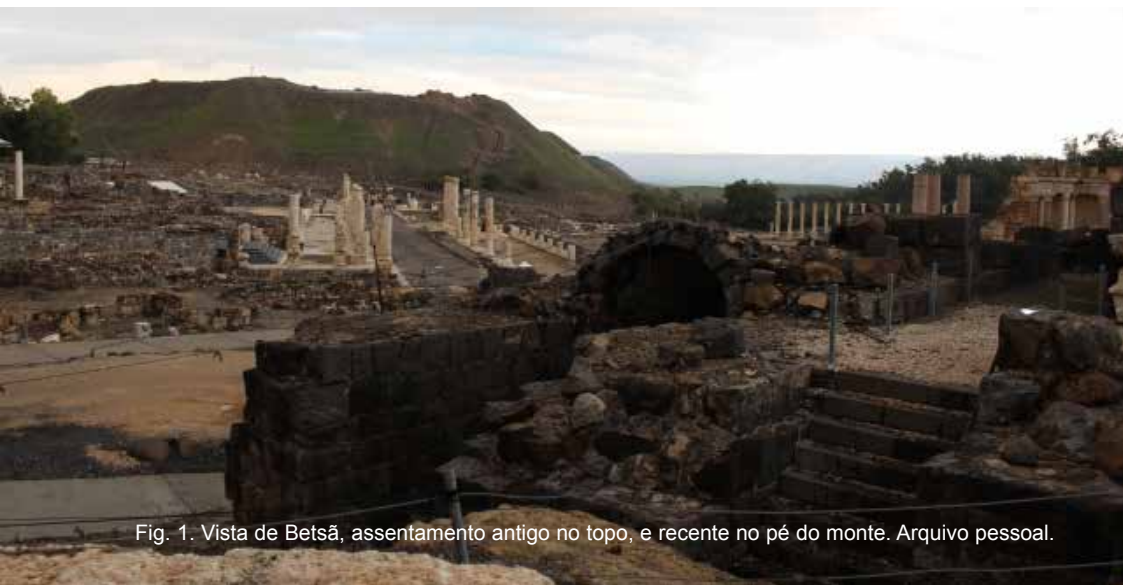


Fig. 1. Vista de Betsã, assentamento antigo no topo, e recente no pé do monte. Arquivo pessoal.

Histórico ocupacional

A história do sítio é extensa, visto seu histórico ocupacional abrigar aproximadamente seis mil anos. Dos estágios iniciais, o período Neolítico (5mil a.C.) é representado por covas escavadas na rocha, enquanto o Calcolítico (4mil a.C.) traz objetos cerâmicos. No Bronze Antigo, foram encontradas habitações ovais, cerâmica polida e machados de bronze, todas características do período (sécs. 35-34 a.C.)¹⁶. Neste período, foi encontrado um salão com quatorze colunas de madeira para um suporte de telhado, juntamente com bancos no decorrer das paredes e uma instalação de moagem, provavelmente um armazém. Mazar¹⁷ acredita que, a partir da nova irrigação agrícola e da edificação no centro do monte, teria sido admitida, no período, uma autoridade central, reguladora da armazenagem e distribuição de alimentos.

Em 3.000 a.C., entretanto, a cidade teria sido abandonada, característica comum entre outros sítios do período. A falta de evidências sobre os recorrentes abandonos levou Mazar a considerar duas hipóteses: a primeira¹⁸, diz que seria o resultado da concentração da população nas cidades emergentes do período; e, a segunda hipótese, posterior¹⁹, diz que as comunidades deliberadamente se estabeleceram fora das locações anteriores, talvez num semi-nomadismo. Langgut, Finkelstein e Litt, de novas amostras de pólen do fundo do Mar da Galiléia, assinalaram que o esvaziamento não deve ter se dado devido a seca²⁰. Betsã permaneceu desocupada até o Bronze Médio, quando um assentamento foi estabelecido, com algumas casas de habitação. Uma grande área pavimentada com uma cova central presente também sugeriria a presença de atividades públicas. Diversos jarros de funerais infantis, assim como covas de jovens e adultos, alguns com jóias, denotam o status elevado de algumas das famílias do assentamento²¹. Entretanto, não foram encontradas fortificações no período.

¹³ Cf. MCGOVERN, *Beth-Shan (Place)*, p. 693

¹⁴ MAZAR, *The excavations at Tel Beth Shean during the years 1989-94*, p. 144

¹⁵ MAZAR, *Tel Beth-Shean: History and Archaeology*, p. 243

¹⁶ MAZAR, Amihai. "Beth-Shean". In: MEYERS, Eric (ed.). *The Oxford Encyclopedia of Archaeology in the Near East*, v. I. New York: Oxford University Press, 1997a, p. 306

¹⁷ MAZAR, *The excavations at Tel Beth Shean during the years 1989-94*, p. 148

¹⁸ MAZAR, *Arqueologia na terra da Bíblia*, 2003, p. 109

¹⁹ MAZAR, *Tel Beth-Shean: History and Archaeology*, p. 246-247

²⁰ O oposto do que ocorreu posteriormente, na transição entre Bronze Tardio e Ferro I (1250-1100 a.C.). Cf. LANGGUT, Dafna; FINKELSTEIN, Israel; LITT, Thomas. "Climate and the Late Bronze Collapse: New Evidence from the Southern Levant". In: Tel Aviv, v. 40, 2013, p. 159

²¹ MAZAR, *Tel Beth-Shean: History and Archaeology*, p. 241



Fig. 2. Local dos templos em Betsã. Arquivo pessoal.

Entre o Bronze Antigo e o Ferro I, cinco templos surgem em Betsã, na mesma localidade. O primeiro, sob o padrão de templos assimétricos canaanitas, é um modesto edifício de 11.7 x 14.6m com plataforma escalonada, onde havia uma pedra circular e um espaço para um pilar de madeira, ao que Mazar sugere serem para práticas cúlticas, provavelmente uma *massebah* (hebr. pilar de pedra) e uma *Aserab* ²². O destaque do sítio de Betsã aos estudos bíblicos, entretanto, tem se dado pela dominação egípcia, entre os séculos XIV-XII a.C., sob Tutmósis III, que transformou-a em centro administrativo da região, provavelmente pela localização privilegiada e pelo fato de Betsã não ter sido cidade-estado canaanita, o que cumpria com a política egípcia de não usurpar, nesse momento, tal estado ²³.

Nesse aspecto, Betsã aparece na lista de Tutmósis III em Karnak (n. 110) e nas Cartas de Amarna (EA 289), onde um trecho diz: “*Gintikirmil pertence a Tagi, e os homens de Gintu são a guarnição em Bitsanu (Betsã). Devemos agir como Lab, ayu quando ele estava dando as terras de Sakmu ao Hapiru.*” ²⁴. Enquanto nenhum monumento egípcio é encontrado no tempo da décima-oitava dinastia, existe a presença de

²² MAZAR, *Beth-Shean*, p. 306

²³ KAEFER, *Arqueologia das Terras da Bíblia*, p. 46; MAZAR, *Tel Beth-Shean: History and Archaeology*, p. 248

²⁴ Texto traduzido do inglês: “Gintikirmil belongs to Tagi, and men of Gintu are the garrison in Bitsanu. Are we to act like Lab.ayu when he was giving the land of Šakmu to the Hapiru?” MORAN, W.L. *The Amarna Letters*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1992, EA 289

cerâmica egípcia produzida localmente, o que comprovaria a ocupação egípcia já nos séculos XV e XIV a.C. A cidade teria sido destruída, contudo, na metade do século XIV a.C., por fogo, nos tempos de Amarna.

No século XIII a.C., Betsã foi reconstruída com uma nova cidadela, uma residência governamental e um quartel general da administração egípcia, desenho mantido até o final da ocupação egípcia²⁵. Em XII a.C., início do Ferro I, a cidade foi ampliada, seguindo as linhas gerais já construídas anteriormente, com acréscimo de alguns edifícios e uma residência de um oficial egípcio de alto escalão, contendo paredes ilustradas²⁶. Existe, nesse momento, notável sincretismo entre a religião e iconografia egípcia e cananéia, com influências tanto na arquitetura quanto nos locais de culto dos oficiais egípcios²⁷. A destruição da guarnição teria ocorrido entre os reinos de Ramsés IV e VI, talvez pelos vizinhos canaanitas ou invasores semi-nomádicos, como os midianitas²⁸.

²⁵ MAZAR, Amihai “The Egyptian Garrison Town at Beth Shean” em BAR, S.; KAHN, D.; SHIRLEY, J. J. (eds.). *Egypt, Canaan and Israel: History, Imperialism, Ideology and Literature: Proceedings of a Conference at the University of Haifa*. Leiden: Brill, 2011, p. 153

²⁶ As paredes ilustradas demonstram a necessidade egípcia de tornar o lugar amistoso, talvez denotando uma prolongada habitação dos oficiais maiores. Cf. MAZAR, *Tel Beth-Shean: History and Archaeology*, p. 253

²⁷ McGovern demonstra que existiam representações de deidades egípcias como Hathor, Bes, Taurt e Sekmet, juntamente com deidades palestinas. MCGOVERN, *Beth-Shan (Place)*. p. 694

²⁸ MAZAR, *Tel Beth-Shean: History and Archaeology*, p. 258-259; MAZAR, *The Egyptian Garrison Town at Beth Shean*, p. 171

Fig. 3. Casa do governador egípcio. Arquivo pessoal.



Mazar demonstra, nesse ínterim, que as citações sobre a não-dominância israelita da cidade (cf. Js 17.11, 16; Jz 1.27-32) são possíveis, entretanto, a história do corpo de Saul pendurado não pode ser comprovada arqueologicamente, já que não existem evidências (objetos cerâmicos filistinos) de ocupação dos povos do mar no período²⁹. Israel Finkelstein, em contrapartida, demonstra que, nesse período, nenhuma cidade filistéia tinha força suficiente para uma batalha tão ao norte quanto a retratada no final do livro de Samuel. Para o arqueólogo, a presença do próprio Saul tão ao norte é confusa, sendo que seu centro de governo estaria no platô de Gabaon-Betel. Para ele, a explicação plausível seria a intervenção do faraó Sheshonq I — bíblico Sesac — contra a unidade política Saulida. A presença filistéia seria uma retroprojeção do tempo de escrita do texto bíblico³⁰. A presença, assim, do corpo de Saul e Betsã seria mais plausível, nesse cenário imaginado por Finkelstein.

Os achados mais divulgados de Betsã estão nos períodos de dominação egípcia, com as estelas Séti I e de Ramsés II. A estela de Séti I, tal qual o documento de Tutmósis II, menciona os Hapiru, nos seguintes termos: “O *Apiru de Monte Uarmuta, com Teyer ...*, em ataque sobre os asiáticos de Rehém. Então [sua majestade] disse: Como esses asiáticos miseráveis pensam [em tirar] suas [armas] para mais desordem?”³¹. Tais indivíduos seriam pessoas sem cidadania que atacavam vez ou outra as cidades-estado ou associavam-se como mercenários. Tal associação, tem sido considerada a de maior relevância dos achados do Tel, sob a hipótese que associa os hapiru citados ao grupo formativo da nação israelita, juntamente com os *shasu*.

Outra importância inferência a partir das duas estelas é o fato de que ambas evidenciam uma rota que perpassava Betsã, fato também confirmado pela lista de Sesac, que faz referência ao “Vale” (de Betsã), que tinha Betsã, Roob (Rehov), Suném, Taanac e Meguido. Assim, o sítio proporcionou achados que detalharam as rotas comerciais e suas respectivas ramificações. Betsã, nesse aspecto, seria ramificação da importante rota “caminho do mar”, chamada posteriormente *Via Maris*. Fora isso, inscrições egípcias e placas com nomes reais, quatro constando “Ramsés”

²⁹ MAZAR, *The excavations at Tel Beth Shean during the years 1989-94*, p. 162; MAZAR, *Tel Beth-Shean: History and Archaeology*, p. 261-262

³⁰ FINKELSTEIN, *The Forgotten Kingdom*, p. 59-61

³¹ Texto traduzido do inglês: “The Apiru of Mount Yarmuta, with Teyer ..., [have ari]sen in attack upon the Asiatics of Rehém. Then [his majesty] said: How can these wretched Asiatics think [of taking] their [arms] for further disorder?” PRITCHARD, James B. (ed.). *Ancient Near Eastern Texts: Relating to the Old Testament*. Third Edition with Supplement. Princeton/New Jersey: Princeton University Press, 1969, p. 255

e cinco constando “Merneptah”, além de um selo cilíndrico que mostra Ramsés II atirando uma flecha num alvo, mostram a relevância política da guarnição.

No décimo século a.C., a cidade exibe características de centro administrativo, devido a uma estrutura de portão e dois edifícios com pilares, que teria sido destruído num incêndio, à mesma época de Jezreel e Tel Rehov³². Esta é uma etapa importante, por constar no texto bíblico (1Rs 4.12) além de, posteriormente, aparecer na lista de Sesac em Karnak, como uma das cidades conquistadas após a divisão da monarquia. Existem indícios posteriores de uma destruição, supostamente por Tiglath-Pileser III em 732 a.C., e uma reconstrução em VIII a.C.. Essa característica do sítio, comprovando as campanhas de Tiglath-Pileser III também cooperam aos estudos bíblicos, demonstrando a chegada do poder assírio à Galiléia, em 722 a.C. e o prenúncio da queda do reino do norte. Já no período Persa, Betsã teria novamente sido elevado à categoria de lugar cúllico, como as figuras cúlticas no Tel afirmam.

No período helenista, tetradracmas foram encontradas, além de uma ocupação posterior no tempo dos Hasmoneus³³. A conquista é retratada nas *Guerras Judaicas e Antiguidades* de Flavio Josefo³⁴. Diversos objetos cerâmicos importados da Grécia e leste do Mediterrâneo, assim como moedas de Tiro foram encontrados. No período, a cidade transformou-se em *polis* grega e recebeu o nome de Citópolis, e foi transferida para o pé do monte, para facilitar o acesso ao comércio, fundamental no período helenista. Com Antíoco IV recebeu o nome Nisa, em homenagem a Dionísio, nome também utilizado pela moeda corrente na cidade. Do período Romano, um grande teatro foi construído, com uma rua cheia de colunas, um hipódromo, uma vila com mozaicos florais, além de um cemitério com vasos, cerâmicas decoradas e até um sarcófago de pedra com o nome de Antíoco, filho de Falion, que se pensa ser o primo de Herodes, o Grande. Foi nesse período, em 63 a.C., que Pompeu a conquistou, associando-a à Decápolis e tornando-a única³⁵ cidade da Decápolis em território israelita³⁶.

³² MAZAR, *Tel Beth-Shean: History and Archaeology*, p. 264

³³ MAZAR, *Beth-Shean*, p. 308

³⁴ GALIL, Gershon; WEINFELD, Moshe (eds.). *Studies in Historical Geography & Biblical Historiography*: Presented to Zecharia Kallai. Leiden: Brill, 2010, p. 72

³⁵ As razões para a escolha das Decápolis ainda não foi totalmente compreendida. Lester Grabbe assinala que o único padrão recorrente entre todas essas cidades é sua característica helenista. De qualquer forma, no período posterior (séc III a.C.) grande povoamento na região, exceto por *Filoteria*. Cf. GRABBE, Lester L. *A History of the Jews and Judaism in the Second Temple Period*: volume 2: The Early Hellenistic Period (335-175 BCE). Library of Second Temple Studies 68. New York, t&t Clark, 2008, p. 188

³⁶ KAEFER, *Arqueologia das Terras da Bíblia*, p. 46

Existem diferentes hipóteses sobre a formação desse conjunto da cidade. Alguns opinam serem unidade política dos tempos de Pompeu outros afirmam que somente as características helenísticas formam um padrão entre essas cidades. Porém, vale relembrar que, mesmo com a presença dessa importante cidade e de outra *polis*, chamada Filoteria, aparentemente não houve, no terceiro século anterior à era cristã, grande povoamento do norte de Israel. A conquista de Pompeu também é retratada por Josefo, em seu *Guerras Judaicas* e, depois de uma destruição no período hasmoneu, teria havido um tempo de importantes construções.

Com o Império Bizantino, Betsã ganhou uma igreja circular, com batistério, e casas bem construídas. A elite habitava no cume do monte e os simples na periferia³⁷. Da época romana e bizantina, ficou a lembrança da vasta produção têxtil. Uma sinagoga, que teria sido construída entre os séculos V e VII d.C., com mosaicos com figuras da arca da aliança coberta com uma cortina, vasos rituais e uma menorá, com inscrições gregas e samaritanas³⁸. No século VIII d.C., a arquitetura bizantina foi substituída por novos edifícios, talvez pelo terremoto que teria atingido a cidade em 749 d.C., pouco mais de um século depois de sua conquista pelos muçulmanos (614 d.C.). No período Medieval, Betsã transformou-se em propriedade privada, com muros a envolvendo, alguns inacabados e datados de XII d.C., tempo das Cruzadas³⁹.

O culto plural em Betsã

Importantes vestígios foram encontrados em Betsã para os estudos da cultura e textos bíblicos. Entretanto, a academia bíblica parece ter enfatizado os achados sócio-políticos, dos quais já destacamos as estelas de Setí I e de Ramsés II, as inscrições com nomes reais, o selo cilíndrico de Ramsés II atirando a flecha e a pertença à Decápolis, a partir de Pompeu. Entretanto, queremos fazer menção a outra temática recorrente no sítio arqueológico, que podem servir aos estudos bíblicos, que são os achados referentes ao culto. Queremos aqui apenas destacar duas características, recorrendo aos tempos veterotestamentários: (1) a característica transicional do culto no sítio; e (2) sua característica sincrética egípcio-canaanita.

Com relação ao primeiro aspecto, destacamos o culto no período canaanita, em suas formas e práticas. Sobre esse aspecto, os diversos templos encontrados da transição entre Bronze Recente e Ferro I ganham destaque. Tais templos carregam características comuns com outros

³⁷ MAZAR, *The excavations at Tel Beth Shean during the years 1989-94*, pp. 164

³⁸ MCGOVERN, *Beth-Shan (Place)*, p. 695

³⁹ MAZAR, *Beth-Shean*, p. 309

templos assimétricos canaanitas, como o Templo do Fosso de Laquish, o Templo de Tel Mevorakh e os Templos de Tel Qasile. Entretanto, o templo de Betsã possui características únicas. Primeiramente, sua formatação tripartida, contendo: (1) um *ball* de entrada; (2) um *ball* central com bancos e uma plataforma elevada; e (3) um santuário interior, cujas paredes estava alinhadas com os bancos. Além da formatação única, o templo de 11.7 x 14.6 m de Betsã é o mais antigo templo assimétrico canaanita já encontrado, fortalecendo a teoria de que Betsã seria um local transicional ao culto canaanita.

Também, sobre este aspecto, foi encontrada uma plataforma onde, no topo, havia uma coluna de pedra circular de basalto, com 50 cm de altura, que poderia ser uma *matsebah* (hebr. pilar de pedra) e, a pouco mais de um metro de distância, um pedestal de basalto para um pilar de madeira (fig. 4). O pedestal traz consigo duas possíveis interpretações: a primeira de que fosse uma *aserab*, característica nos cultos da região; e a segunda de que o pedestal serviria para a figura de Mekal, monumento dedicado por um oficial egípcio em memória de seu pai. A posição das pedras podem sugerir a transição do culto canaanita icônico, centrado em figuras antropomórficas de deidades (estela de Mekal) à anicônico⁴⁰, com objetos representando a deidade (*massebah*). A formatação do local da *massebah* e pedestal também é reveladora, situando-se numa plataforma na entrada do santuário, em lugar aberto, que era compreendido como característica dos Lugares Altos (hebr. *bamot*). A evidência serviu para Rowe afirmar que Betsã teria marcas da transição do culto em lugares altos e templos⁴¹.



Não é consenso, hoje, a caracterização a “céu-aberto” dos lugares altos⁴². Referências como 1Rs 14; 17 são incom-

⁴⁰ Segundo a definição de Mettinger, são cultos onde não há representação antropomórfica ou teriomórfica servindo como símbolo central de culto, mas são centralizados em uma imagem anicônica ou em espaço vazio. Eles seriam o signo “indiciário” da teoria de Peirce e fariam contraposição a cultos “icônicos”, que teriam representações antropomórficas ou teriomórficas centrais como símbolos de culto. METTINGER, Tryggve. *No Graven Image? Israelite Aniconism in Its Ancient Near Eastern Context*. CB 42. Stockholm: Almqvist & Wiksell International, 1997, p. 19

⁴¹ METTINGER, *No Graven Image?*, p. 189-190.

Fig. 4. Pedestal e *matsebah* em Betsã. METTINGER, *No graven Image?*, p. 190.

pletas e edificações como as de Edom (Horvat Qitmit, Horvat Uza) e Hasor apenas recebem a nomenclatura pela busca se dar pela confusa descrição de “plataformas com utilização cúltica”⁴³. Tel Arad, que surge como um templo de estrutura similar ao de Jerusalém, por exemplo, não é denominado “lugar alto”, mesmo surgindo assim no texto bíblico⁴⁴. Pelo que temos em mãos poderíamos pensar em “lugares altos” como edifícios complexos — e talvez citadinos — de culto, como se vê na descrição bíblica mais completa, 1Sm 9.11-25, e na Estela de Mesa, única citação extra-bíblica de *bamah* (cf. Is 15.2; 16.2)⁴⁵. Lugares altos, assim, seriam um rótulo de heterodoxia a santuários que haviam sido destruídos⁴⁶. De qualquer forma, apesar da nomenclatura talvez equivocada de Rowe, sua percepção parece permanecer acurada da questão transicional do culto em Betsã, que alterou sua planta frente as novas tendências cúlticas do período.

A segunda característica marcante do culto no sítio no período veterotestamentário provém dos tempos de dominação egípcia, quanto ao sincretismo entre religião canaanita e religião egípcia. Assim como em Tel Laquish, há forte representação mista dos imaginários das duas tradições cúlticas. Entretanto, em Betsã, além das simples representações em terracota, existem representações monumentais, que denotam a presença de uma elite⁴⁷. A representação, nas imagens do Stratum IX (XV-XIV a.C.), do leão e cachorro, por exemplo, mostram temas e estilo puramente egípcios, com pequena influência do nordeste semítico. Porém, na estela de Mekal (*fig. 5*), criada pelo arquiteto egípcio Amenemopet, mesmo que mantenha-se o estilo egípcio, o tema transfere-se para uma deidade local, Mekal, o Deus de Betsã e mostra a família do arquiteto prostrando-se frente ao Deus local, em estilo puramente egípcio, denotando a assimilação da nova prática cúltica pelos ditos dominadores da região⁴⁸.

⁴² Cf. CARDOSO, Silas Klein. *A imagem se fez livro: a materialidade da Torá e a invenção do aniconismo pós-exílico*. São Bernardo do Campo: Umesp, 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) — Faculdade de Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo (UMESP)

⁴³ Cf. as tentativas frustradas de caracterização em BARRICK, W. Boyd. “High Place”. In: FREEDMAN, David Noel. *The Anchor Yale Bible Dictionary*. New York: Doubleday, 1992, v3, p. 196

⁴⁴ FRIED, *The High Places*, 452. Também sobre Tel Arad, cf. BLOCH-SMITH, Elizabeth. “Question about Monotheism in Ancient Israel: Between Archaeology and Texts”. In: JISMOR 9, 2014, p. 20-28

⁴⁵ Sobre o *bamah* moabita, cf. FRIED, *The High Places*, 441-442

⁴⁶ Assim parece acreditar, por exemplo, FRIED, *The High Places*, 437-465

⁴⁷ KEEL, Othmar; UEHLINGER, Christoph. *Gods, Goddesses and Images of God in Ancient Israel*. Trad. Thomas Trapp. Minneapolis: Fortress Press, 1998, p. 82

⁴⁸ KEEL; UEHLINGER, *Gods, Goddesses and Images of God*, p. 84

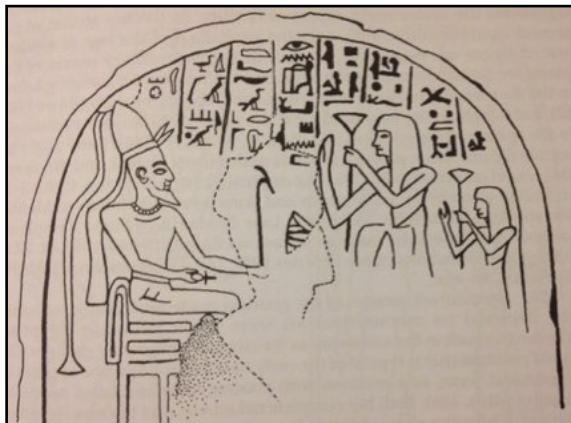


Fig. 5. Estela de Mekal. GGG, fig. 120.

Fora isso, foram encontradas no local Deusas da fertilidade amamentando bebês com amuletos e anéis e, embora carreguem semelhanças com imagens de cultos egípcios, como o culto à Isis-Horus, encontrado em amuletos egípcios, elas aparecem nuas, uma característica típica das Deusas canaanitas. Outra patente característica é o sinal de bênção, perpetuado pelos ícones das Deusas (*fig. 6*). Embora estejam sob estilo egípcio, tanto a nudez, quanto o sinal de bênção só são encontrados nas Deusas locais. A identidade de tais Deusas foi pesquisada por Keel e Uehlinger, que chegaram à hipótese de serem representações da Deusa Anat, que já era cultuada pelos Amorreus em 3.000 a.C. e talvez associada com a cidade Hanat⁴⁹. As razões para a inferência se dão por três principais motivos: (1) pela inscrição “Senhora dos Céus, Senhora dos Deuses” em alguns selos posteriores; (2) a presença de uma coroa tipicamente relacionada à Anat, presentes no *British Museum*; e (3) pela seu porte guerreiro em algumas figuras, que fariam jus à algumas imagens encontradas em locais distintos das terras bíblicas⁵⁰. Entretanto, é difícil se ater a identificações, visto que em diferentes lugares e tempos os símbolos são atribuídos a diferentes deidades⁵¹. De qualquer forma, temos evidências que comprovam um culto sincrético entre deidades cananitas e egípcias em Betsã.

⁴⁹ Maier, Walter A. III. “Anath (Deity)”. In: FREEDMAN, David Noel. *The Anchor Yale Bible Dictionary*. New York: Doubleday, 1992.

⁵⁰ KEEL; UEHLINGER, *Gods, Goddesses and Images of God*, p. 86-88

⁵¹ KEEL, Othmar. *Goddesses and Trees, New Moon and Yahweh: Ancient Near Eastern Art and the Hebrew Bible*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998, p. 38



Fig. 5. Deusa. GGG, fig. 106.

Perspectivas conclusivas

Foi Afonso Ligorio Soares quem disse que “o sincretismo sempre esteve e permanece presente nas relações históricas entre as religiões. Até quem o rejeita, em geral o faz a partir de uma religião que também é, em alguma medida, sincrética”⁵². De fato, é difícil aceitar as descrições históricas de alteridade e alienistas do culto do Antigo Israel frente a outras religiões do Antigo Oriente Próximo. O estudo de caso de Betsã demonstra, durante sua história de longa duração, a característica sincrética do culto do Antigo Oriente Próximo, na recombinação de imaginários celticos. Tal reformulação imagética sincrético-religiosa, ou *religiosidade creativa*, se deu na (re)criação imaginativa que sintetizava memória social e experiência pessoal dos cultuantes⁵³. Do padrão, duas características se evidenciam em Betsã:

Primeiro, a *religiosidade creativa* de Betsã não respeita status político. Embora seja comum se associar a produção religiosa às camadas dominantes, em Betsã temos cenário oposto. No exemplo das Deusas da Fertilidade, o imaginário que se mantém é o cananita, de Anat, que é redesenhado sob moldes egípcios. Não é a entidade dominante que impõe seu imaginário ao mais fraco, mas o mais fraco impõe seu imaginário ao dominante, que trata de o reler a partir de sua linguagem: a estética egípcia. A predominância imagética se dá pela proximidade geográfica do centro de culto e não do poderio militar-político.

Segundo, a *religiosidade creativa* de Betsã não respeita status social. É perceptível, na iconografia do sítio, que a aceitação do imaginário celtico local não se deu apenas nas camadas chamadas “populares”,

⁵² SOARES, Afonso Maria Ligorio. “Valor teológico do sincretismo numa perspectiva de teologia pluralista”. In: *Ciberologia: Revista de Teologia & Cultura*, Ano VI, n. 30, p.29

⁵³ Sobre aprendizado mimetizado em perspectiva ritual e visual, cf. WULF. Christoph. *Homo Pictor: imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado*. São Paulo: Hedra, 2013

mas também na elite presente no sítio, como se viu na casa do governador e na estela da Mekal. É interessante perceber que o movimento contrário ocorreu em Laquis, onde as diferentes esferas sociais sofreram diferentes impactos religiosos, resultando em práticas distintas. É difícil precisar a razão para tal disparidade. Talvez esteja ligada ao próprio histórico do sítio, que tinha uma função religiosa mais evidente.

Por fim, acreditamos que a *religiosidade criativa* do sítio tenha sido potencializada pela sua localização em uma fronteira cultural: uma guarrição egípcia beirando uma unidade política cananéia. O território cultural de fronteira⁵⁴ recebe o impacto de duas composições culturais distintas, tendo o papel de interpretá-las mutuamente. Assim, na tradução entre duas culturas, criam-se novas experiências e práticas. Por consequência, criam-se novas religiosidades: sistemas são recriados e imaginários recombinados. Assim, em fronteiras como Betsã, se percebem tais alterações de forma mais sensível e revelam, de modo especial, que a religiosidade cananita-israelita operava de forma plural e sincrética em longa duração.

⁵⁴ Nos inspiramos nos conceitos de Iuri Lotman, da Semiótica da Cultura. Fronteira seria o mecanismo bilíngue que faria a tradução de mensagens externas (da não-cultura) à linguagem interna (da cultura). Cf. LOTMAN, Yuri. *The Universe of the Mind: A Semiotic Theory of Culture*. London: Taurus & Co, 1990; e, para uma interpretação aplicada às ciências da religião do conceito de "fronteira cultural", Cf. NOGUEIRA, Paulo A.S. "Religião como texto: contribuições da semiótica da cultura". In: NOGUEIRA, P.A.S. (org.). *Linguagens da Religião: desafios, métodos e conceitos centrais*. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 22-23.

Next

World Forum on Theology and Liberation

to be held at

MONTREAL, Quebec, Canada, August 8-14, 2016

See information about at its webpage:

<http://wftlofficial.org>